



Roteiro Pedagógico

Título do vídeo: UM PÉ NA ALDEIA, UM PÉ NA SALA DE AULA: o papel dos saberes indígenas no fortalecimento da formação intercultural de professores/as

Acesso: [UM PÉ NA ALDEIA, UM PÉ NA SALA DE AULA](#)

Público: Estudantes de Licenciatura, Educadores/as, demais interessados

Vínculo com a legislação educacional:

Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Problematização:

O líder indígena Ailton Krenak, em um de seus discursos, disse o seguinte: "Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações".

Ao pensar em uma sala de aula, geralmente nos deparamos com a mesma estrutura, a mesma organização espacial, materiais e discursos iguais, inclusive os mesmos uniformes. Vemos, portanto, 'céus diferentes', porém sempre parecidos, nublados e homogêneos.

Para pensar na diversidade de vida e de culturas que realmente existem é preciso ampliar nosso horizonte nesses 'céus normativos'. Nesse sentido, é necessário reconhecer que os povos indígenas carregam consigo uma diversidade de 'constelações' com séculos de história, e que podem iluminar o céu de nosso conhecimento com os seus saberes.

Nossas salas de aula podem, então, se transformar em um espaço de compartilhamento coletivo, possibilitando que viajemos em torno dessas diferenças e, com isso, incentivar a construção de céus de conhecimento cada vez mais diversos.

Relação do conteúdo com o tema transversal:

TEMA TRANSVERSAL CONTEMPORÂNEO BNCC: Multiculturalismo - Diversidade Cultural - Educação para a valorização dos multiculturalismos nas matrizes históricas e culturais Brasileiras.

1. Diversidade Biocultural e colonização dos saberes

O Brasil é conhecido mundialmente por abrigar a maior biodiversidade do mundo. Porém, além da variedade na quantidade de espécies, nosso país também concentra uma enorme diversidade biocultural originária de vários povos indígenas e tradicionais. Nesse sentido, é importante resgatar a verdadeira história cultural de nosso país, e lembrar das marcas da colonização e sua contribuição para o apagamento dessa diversidade biocultural.

Na sociedade atual, é comum o pensar em uma perspectiva pouco plural, onde a lógica colonial é reforçada diante da crença de que o conhecimento válido é apenas aquele feito sob moldes eurocêntricos e científicos e o conhecimento tradicional é descartado.

Aqui, destaca-se a ideia de que os saberes científicos e os saberes tradicionais sejam trabalhados em conjunto, e que seja ensinado aos alunos que os diversos saberes têm a sua devida importância, e que um não exclui o outro.

A escola tradicional, de maneira geral, contribui para a colonização desses saberes, reproduzindo processos que homogeneizam os sujeitos, apagando a maioria das diferenças que existem na sociedade brasileira.

Ao longo de nossa trajetória acadêmica nos deparamos com alguns exemplos que reforçam a lógica colonial no cotidiano escolar. Um deles é a narrativa de que nosso país foi 'descoberto' por um homem quando, na verdade, foi invadido por colonizadores. Ou também processos que desconsideram a diversidade de etnias e autodenominações indígenas ao se referirem aos povos indígenas como 'índios' e compartilharem o pensamento de que todos são iguais, têm os mesmos costumes, cosmovisões ou até mesmo de que falam a mesma língua.

2. Interculturalidade

A perspectiva intercultural entende a necessidade de possibilitar o diálogo entre diferentes culturas e grupos sociais. A interculturalidade defende a construção de projetos que incluam a diversidade biocultural, partindo do enfrentamento de conflitos gerados pelas diferenças de poder dos grupos socioculturais presentes na sociedade.

Assim, uma educação intercultural é aquela que valoriza e inclui os saberes produzidos por aqueles que carregam os conhecimentos tradicionais como parteiras, xamãs, curandeiros, anciões e pajés. Em relação aos povos originários, é possível confirmar a grandeza da contribuição de seus conhecimentos em diferentes aspectos como formas de educação, artes, tecnologias, conhecimentos de cura e plantas medicinais, formas de plantio e manejo florestal, construção de habitações, entre outros.

3. A escola

A educação intercultural indígena, que tem em vista a incorporação das vivências e saberes indígenas no processo educativo, e se difere da educação territorializada, aquela vivenciada por eles, que visa reforçar a identidade indígena, seus costumes e vínculos com o meio natural e ancestralidade.

Assim, para que a escola seja plural e provoque o interesse dos alunos, é preciso que as duas perspectivas caminhem juntas, promovendo uma aprendizagem mútua entre os espaços escolares indígenas e não indígenas.

4. Pedagogias interculturais

Para o diálogo intercultural ser concretizado, é necessário que haja uma reflexão da postura docente. A partir da adoção de algumas ações é possível caminhar ao encontro de uma educação anti colonial como investigar as colonialidades presentes em nosso cotidiano: textos didáticos, trabalhos acadêmicos, cultura, sentido comum, autoimagem dos povos, aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna.

Outro material que pode ser adotado para uma educação plural parte da utilização dos chamados 'tehêys', instrumentos de pescaria que selecionam os peixes conforme a demanda necessária para alimentação. No contexto escolar, se voltam para a 'pesca do conhecimento', transformados em instrumentos que têm como base o ensino com imagens desenhadas, onde os professores, que são interculturais, vão pescando dentro dessas imagens elementos, temas e valores, para fazer seus planos de aula para aplicar para seus alunos.

5. Os indígenas são contemporâneos e estão presentes

Historicamente, sabemos que, na maioria das vezes, o que é ensinado sobre a temática indígena parte da narrativa contada pelo lado dominante da história, com muitos

preconceitos perpetuados nos livros e nas salas de aula. Apesar das constantes opressões vivenciadas pelos povos originários em seu passado, sua existência não se resume ao que foi vivido por eles a 500 anos atrás. Suas culturas e histórias são contemporâneas, marcadas por intensos processos de resistência e resgate dos saberes, onde encontram na memória ancestral suas raízes e a partir daí fazem germinar continuamente seus modos de vida e seu conhecimento.

Apesar dos constantes boicotes aos direitos indígenas e suas reivindicações, o cenário a partir do final desse ano de 2022 se tornou um pouco mais favorável no que diz respeito ao incentivo à discussão da temática indígena. Aqui, podemos citar a promessa da criação do Ministério dos Povos Originários pelo presidente eleito Luis Inácio Lula da Silva, o ENEM 2022 que contou com algumas questões que abordaram a temática indígena da identidade Pataxó e a cosmologia e territorialidade do povo Kambeba. Além disso, seus mais de 3 milhões de inscritos foram estimulados a refletir sobre os “desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil” ao redigir a redação.

6. Imagens

Imagem 1



Descrição: “Povo Puri retomando suas florestas”

Helena ‘Joakina’ Puri

Viçosa, 2022

Releitura da gravura *Lês Puris dans leurs forêst/Os Puris em suas florestas*, de Maximilian zu WiedNeuwied, 1822

Acrílica sobre painel, 40x70x4cm

Informações:

Descrição da artista: “200 anos desde a representação original e a releitura, representando por nós mesmos nossa contemporaneidade”.

Imagem 2



Descrição:

“Veracruz”

Matheus ‘Ribs’ Ribeiro

Rio de Janeiro, 2020

Acrílica sobre mapa de Lopo Homem “Terra Brasilis” - 1519

Informações:

Descrição do artista: “Veracruz é a sobreposição de dois projetos de nação. Pindó-rama, redução de pindó-retama no tupi (traduzido como Terra de Palmeiras), nome que os ando-peruanos e populações indígenas pampianas davam ao Brasil. Ilha da Vera Cruz ou Terra de Vera Cruz é o primeiro nome dado pelos invasores ao que se conhecia como Novo Mundo.

É no primeiro contato, que essas formas de pensar e se relacionar com este território encontram-se, chocam-se e por consequência, uma subjuga a outra. Trazer a figura do tupinambá crucificado na palmeira, remonta através dos signos, um encontro marcado pela violência, que inaugura a história da relação entre Estado e povos indígenas no Brasil. A cruz como uma palmeira e o nativo como um Cristo, ironiza a narrativa cristã de uma verdadeira Cruz, ao passo que também registra uma crítica sistemática aos 400 anos de política indigenista baseada em genocídio e assimilacionismo. Uma política que parece se atualizar, mesmo com direitos conquistados pela constituição de 1988. Que Veracruz corte a paisagem da institucionalidade não apenas como uma denúncia, mas também como uma retomada.” (RIBEIRO, 2022).

Imagem 3



Descrição:

“Sumaúma”

Matheus ‘Ribs’ Ribeiro

Rio de Janeiro, 2022

Informações:

“A ‘mãe’ samaúma é venerada por todas as tribos indígenas da Amazônia. Esse apelido é dado pelo fato de que ao esbanjar altura, a samaúma enxerga toda a floresta por cima, sendo por esse motivo considerada a mãe da floresta. Esses povos contam lindas histórias sobre a manifestação de seus espíritos nas noites de lua cheia. Além disso, o povo da floresta, afirma que a árvore tem propriedades medicinais. Sua importância é vital para a floresta amazônica e o meio ambiente. Sua copa grandiosa abriga um pequeno ecossistema. Por conta de sua grande altura, as raízes das samaúmas são profundas e esse fato colabora para a irrigação dos lençóis freáticos mais profundos até a superfície favorecendo o processo da geração de umidade, isto é, evaporação e geração de chuvas. É importante ressaltar que a samaúma irriga as folhas não apenas em seu longo e espesso tronco, como também fornece ao ambiente a condição de irrigar parte da umidade das profundezas do solo até 100 acima da superfície, dividindo a água que conduz com outras espécies”. (PARDAL, 2017)

Imagem 4



Descrição:

“Aldeia Resista”

Matheus ‘Ribs’ Ribeiro

Rio de Janeiro, 2020

Informações:

A Aldeia Maracanã é um espaço de resistência indígena localizada ao lado do estádio do Maracanã, que abriga indígenas de diferentes etnias em um contexto urbano.

A Aldeia ocupa o microterritório onde antigamente funcionava o primeiro Museu do Índio, e o SPI (Serviço de Proteção ao Índio, órgão federal que cuidava da questão indígena antes de ser extinto e substituído pela Funai). Refundada em 2006 num antigo e ancestral território de aldeias tupinambá, a Aldeia Maracanã resiste apesar das inúmeras tentativas de retirada e expulsão.

Lá é desenvolvida a Universidade Indígena, através de práticas voltadas para a preservação, o estudo, pesquisa, ensino e difusão das culturas indígenas brasileiras, e de outras partes do continente Ameríndio.

Referências:

BARROS, Helena Gomes. Povo Puri retomando suas florestas. Viçosa, 24 set. 2022. Instagram: @_joakina_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ci5CzjAuKAL/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Provas e Gabaritos (2022). Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-deatuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BRAZ, Werymehe Alves. Tehey de Pescaria do Conhecimento. 2019. 37 f. Curso de Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. Revista Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 678-686, dez. 2020.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? Dossiê Histórias Indígenas, Caicó, v. 15, n. 35, p. 38-68, jun./dez. 2014.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAGALHÃES, Helisa Vieira. Saberes indígenas e formação de professores: Caminhos para a decolonialidade e interculturalidade. In: II SIELI e XX Encontro de Letras Universidade Estadual de Goiás, 2022. Saberes e fazeres linguísticos, literários e interculturais em tempos digitais. Campus Cora Coralina: Universidade Estadual de Goiás, 2022. v. 1. p. 1-15.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

PARDAL, Luiz. Mãe Sumaúma: espírito de proteção da floresta. 2017. Disponível em: <http://povodafloresta.com.br/mae-samauma-espírito-poderoso-de-protecao-da-floresta/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RIBEIRO, Matheus. Veracruz. Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Instagram: @o.ribs. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChtFpQ5sguM/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RIBEIRO, Matheus. Aldeia Maracanã. Rio de Janeiro, 27 nov. 2020. Instagram: @o.ribs. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIG4nx4M05c/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

REDE ECOLÓGICA. Aldeia Marakanã. Disponível em: <http://redeecologicario.org/areas-deatuacao/interacao-entre-produtores-e-consumidores/produtores/aldeia-marakana/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

TAVARES, Elaine. O Ministério dos Povos Originários. 2022. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/oministerio-dos-povos-originarios/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, nº 14, pág. 110-117, 2020.

ZANK, Sofia; HANAZAKI, Natalia; PERONI, Nivaldo; LEVIS, Carolina (org.). Diversidade Biocultural na escola: reflexões e práticas para professoras e professores. Porto Alegre: Sbee, 2021. 193 p.